

**IDENTIDADE E ALTERIDADE: GASTRONOMIA, HOSPEDARIAS E PERIGOS DA VIAGEM NAS NARRATIVAS DE VIAGENS PORTUGUESAS A ESPANHA DA SEGUNDA METADE DE OITOCENTOS**

Sara Cerqueira Pascoal<sup>1</sup>  
[spascoal@iscap.ipp.pt](mailto:spascoal@iscap.ipp.pt)  
CEI - ISCAP, P.Porto, Portugal

**RESUMO:** A viagem é desde sempre uma aventura sensorial e a literatura de viagens dá conta dessa aventura e das sensações memoráveis que se consubstanciam num elemento transformador do espaço e da experiência do lugar. A gastronomia e os lugares de hospedagem são um componente fundamental da experiência dos viajantes. Neste artigo, através de uma análise crítico-comparativa, procurar-se-á dar conta da importância da gastronomia, do alojamento e das condições físicas da viagem na literatura portuguesa de viagens a Espanha da segunda metade do séc. XIX, procurando demonstrar como estes temas são sempre olhados como elemento estruturante da identidade espanhola, a par com os outros temas abordados, que, ora aproximam ora afastam as duas nações peninsulares. O viajante pode, desta forma, experienciar a Espanha com todos os seus sentidos. Estas referências à gastronomia e ao alojamento, juntamente com outras, serão fundamentais na recriação de fronteiras entre o Eu e o Outro, a alteridade e a identidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** narrativas de viagem a Espanha; séc. XIX; gastronomia; hospedarias; identidade; alteridade; interculturalidade

---

<sup>1</sup> Sara Cerqueira Pascoal é Professora Adjunta do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto desde 1997.

É Doutorada em Línguas e Literaturas Românicas, Mestre em Cultura Portuguesa e Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês). Presentemente, desenvolve investigação no âmbito do Turismo Literário, da memorialização da herança cultural e da comodificação da cultura, liderando o projeto Google Arts&Culture. É investigadora integrada e membro do Conselho Científico do Centro de Estudos Interculturais (CEI) do Instituto Politécnico do Porto.

Os seus interesses de investigação incluem ainda a Retórica Visual, a Semiótica, a Comunicação Intercultural e a Cultura Portuguesa.

**ABSTRACT:** Travel has always been a sensory adventure, and travel writing captures that adventure, as well as the unforgettable sensations embodied in a transforming element of space and the experience of place. Gastronomy and lodging are important aspects of the traveler's experience. In this article, we propose to argue for the importance of food, lodging, and the physical circumstances of the trip as themes approached in Portuguese travel narratives to Spain of the second half of the XIX century. Using a critical-comparative approach, this article aims to explain how these topics are always perceived as a structuring aspect of the Spanish identity, as they sometimes bring the two peninsular nations together, and sometimes separate them. Therefore, the traveler can experience Spain through all his senses. Among other topics, specific references to food and lodging will be essential in redefining the boundaries between the Self and the Other, alterity and identity.

**KEYWORDS:** Portuguese travel narratives to Spain; XIX century; gastronomy; inns; identity; alterity; interculturality

## 1. Introdução

Tal como afirma Carlos García-Romeral, na antologia que realizou sobre relatos de portugueses pela Espanha: “Hay dos temas que complementan el viaje por España. Uno es la crítica casi unánime de todos los viajeros al mal estado y peor atención de las fondas, ventas, hoteles... y el otro los bandidos y las partidas guerrilleras.” (García-Romeral, 2001: 14).

Os viajantes iluministas, e mesmo os românticos, que percorreram a Espanha, na primeira metade do século XIX, descreveram-nos uma Espanha atrasada, inculta, extremamente supersticiosa, onde dominava o poder absoluto do púlpito, numa nação analfabeta que fazia sobressair as enormes injustiças sociais. Descrevem-nos igualmente uns caminhos horríveis, em que a rede viária permanecia, quase de forma incólume, idêntica à que havia sido construída há dois mil anos pelos romanos. Narram como as diligências decrepitas, as carruagens e *malapostas* incipientes eram um verdadeiro inferno dantesco. E falam incessantemente sobre as míseras e inóspitas pousadas, onde o ingênuo transeunte, que nelas tinha de pernoitar, encontrava quartos com más condições, por vezes imundos, excessivamente caros e frequentadas por numerosos e incómodos parasitas; e, sobretudo, não havia nada que comer, ou então era intragável.

Para além disso, e mormente no espaço que representa toda a Espanha - a Andaluzia – no processo que López Ontiveros (1988) designa por “andalucización de España”, não poderiam deixar de contar as maldades em forma de assaltos ou de faturas astronómicas que lhes eram apresentadas, de forma ameaçadora, pelos hospedeiros. Os viajantes inventaram essa Espanha de castanholas, onde mulheres de cabelos negros e olhos sedutores faziam perder a cabeça aos homens; essa Espanha cheia de bandoleiros que assaltavam os ricos para dar aos pobres. Diga-se, em abono da verdade, que nem todos contribuíram com o mesmo vigor para a criação desta efabulação. Mas, de uma forma ou de outra, como assinala Emilio Soler Pascual (2006:689) para o caso dos “corajosos” viajantes franceses:

Todos estos intrépidos viajeros galos que en el XIX se aventuraron por aquí, encontraron en la compleja orografía hispana razones suficientes para escribir románticas historias donde los bandidos adquirirían una importancia crucial. Ellos (y ellas, que también las hubieron, faltaría más) soñaron con la aparición del bandolero cuando atraviesan la todavía inhóspita Sierra Morena o se acercan a la malagueña serranía de Ronda. Sueñan con él porque lo necesitan colocar en su narración para que España no deje de ser aquel país imaginado en su lejana Francia y para que, además, sus lectores, cómodamente sentados en el jardín de su mansión, puedan disfrutar con las aventuras (pocas) y desventuras (bastantes) de aquellos osados transeúntes, ellos mismos, por el pintoresco país en forma de piel de toro.

Este artigo reúne e compulsa um corpus de dez relatos de viagem s Espanha, realizados durante a segunda metade do século XIX, que foram selecionados pelo seu carácter exemplar dentro da literatura do género, publicados entre 1855 e 1898. Com base nas Antologias de viajantes a Espanha e Portugal assinadas por Raymond Foulsché-Delbosc e Arturo Farinelli, escolhemos dez relatos da autoria de Carlos José Caldeira (1855), António Augusto Teixeira de Vasconcelos (1863), Manuel Pinheiro Chagas (1672), Luciano Cordeiro (1874), Anselmo de Andrade (1885), Joaquim José Coelho de Carvalho (1888), Inácio Francisco Silveira da Mota (1889), A. Eduardo Moura (1893), Oliveira Martins (1893) e Guiomar Torrezão (1898).

A escolha destes dez relatos, deixando de lado muitos outros<sup>2</sup>, deveu-se a múltiplos e variados motivos. A segunda metade do século XIX será o nosso marco temporal. Dentro deste marco temporal, tentou-se, em primeiro lugar, que a escolha dos textos

---

<sup>2</sup> Muitos outros relatos de viagem a Espanha, durante a época candente, serão assinados por portugueses, entre os quais poderíamos destacar os nomes de José Liberato Freire de Carvalho, Ricardo Guimarães, Joaquim Ferreira Moutinho, Diogo de Macedo, José Cipriano da Costa Goodolphim, Albano Coutinho Júnior, Teófilo Ferreira, J. M. Pereira Rodrigues, Sebastião de Magalhães Lima, Sanches de Frias, Alfredo Mesquita, Carlos Lobo d'Ávila, Ramalho Ortigão, António dos Santos Rocha, Tomaz Lino de Assumpção, para citar alguns.

fosse suficientemente representativa da produção literária de viagem a Espanha, optando-se por textos que patenteiam uma evolução cronológica que cubra o período delimitado. Esta escolha resultou num corpus que oferece, pelo menos, um texto por década. Há, como se pode constatar, para as décadas de 70, 80 e 90, uma maior prevalência de relatos de viagem, o que espelha a inflação da produção editorial viageira portuguesa nestas décadas, inflação que coincide, evidentemente, com a inauguração da ligação ferroviária Lisboa-Madrid, mas igualmente com o interesse que este género literário despertou no último quartel do século XIX.

Em segundo lugar, pretende-se que esta amostra seja igualmente representativa das várias gerações e escolas literárias da segunda metade do século XIX, patenteando uma escolha de autores que representam os vários momentos do Romantismo português. Carlos José Caldeira, António Augusto Teixeira de Vasconcelos e Manuel Pinheiro Chagas fariam parte da geração romântica que atuou sob a Regeneração, (Saraiva & Lopes, 1982: 813); e finalmente, os restantes - Luciano Cordeiro, Anselmo de Andrade, Silveira da Mota, Coelho de Carvalho, Oliveira Martins e Guiomar Torrezão - pertenceriam a uma terceira geração romântica.

Em terceiro lugar, procurou-se que a seleção deste corpus abarcasse diferentes escalas de observação do espaço espanhol, comportando análises à escala europeia, peninsular, nacional, regional e local. Por conseguinte, escolhemos textos de cariz europeu, como as narrativas de Luciano Cordeiro e de Coelho de Carvalho; textos de carácter monográfico, à escala peninsular e nacional, como a “Viagem na Hespanha”, de Anselmo de Andrade; textos à escala regional, como a narrativa de viagem à Galiza, de Silveira da Mota e à Andaluzia, de A. Eduardo Moura; e finalmente, textos à escala local, como as viagens a Madrid de Pinheiro Chagas e a Barcelona de C. J. Caldeira.

Em quarto lugar, apontámos para uma heterogeneidade não apenas autoral, mas igualmente para uma diversidade que não é apenas formal. Escritos em diferentes momentos, com diferentes pretextos e objetivos, cada um destes textos tem impressa uma marca do seu autor e converte-se em produto único, tal como sublinha um dos estudiosos mais relevantes da Literatura de viagens:

Puede ser el relato de viajes una efusión lírica, como una exposición modesta y sencilla, de lo visto y conocido: una descripción, una crónica, un registro, un itinerario de camino, a veces interesa al poeta, al artista; mueve nuestra fantasía, nuestro corazón; despierta un mundo de imágenes; intensifica nuestras visiones. Otros relatos

obedecen a una concepción mecánica y positiva de la vida; miran a lo práctico y a lo útil; apuntan nombres de localidades y de personas con perfecta indiferencia hacia la vida íntima de la nación que recorren; y no merecen otra atención que la del documento peregrino en una época determinada.” (Farinelli, 1942: 8).

De facto, para além de termos em vista uma heterogeneidade autoral, escolhendo autores que desempenharam diferentes profissões, dedicando-se a atividades tão distintas como o jornalismo, a política, a advocacia, a diplomacia ou simplesmente a escrita, também escolhemos textos que patenteiam essa diversidade. As narrativas que delimitamos como nosso corpus variam também quanto às diferentes tipologias textuais de que se revestem, abarcando desde textos de cariz autobiográfico, memorialístico, epistolar, a textos que misturam a narrativa de viagens com o romance. Ainda dentro do critério da heterogeneidade, pretendemos igualmente que o corpus fosse constituído por textos que patenteassem uma evolução nos meios de transporte utilizados, bem como cumprissem diferentes objetivos e propósitos. Dentro das narrativas analisadas, há viagens de recreio e viagens profissionais, viagens motivadas pelo simples prazer de viajar, ou, pelo contrário, por razões diplomáticas ou económico-políticas.

Este artigo pretende demonstrar que, apesar de todas estas idiosincrasias, quer de textos, quer de autores, parece distinguir-se, em todos estes diversos olhares, um conjunto de semelhanças, que se conformam numa visão estereotipada da Espanha. Isso acontece de forma preponderante quando analisamos a abordagem das condições materiais da viagem por parte dos nossos viajantes. A gastronomia, as hospedarias e os perigos da viagem são de facto uma das temáticas que perpassam por todos os relatos e que filtram um conjunto significativo de olhares e experiências interculturais que ajudam a sedimentar a identidade e alteridade de ambos os povos peninsulares.

## **2. Bandoleiros e perigos da viagem**

Os viajantes portugueses da segunda metade do século XIX que visitam a Espanha vêm certamente imbuídos de ideias e imagens literárias sorvidas nas páginas dos românticos, sobretudo de horizontes franceses. Por conseguinte, também eles vão confrontar-se com estas imagens pertinazes do bandoleirismo espanhol e das hospedarias degradadas muito exploradas nas narrativas francesas, tecendo reflexões tão díspares que abarcam desde o mito do contrabandista, aos índices de criminalidade e à importância do contrabando na economia espanhola.

Carlos José Caldeira, na década de 50, fornecia uma descrição detalhada dos índices de criminalidade da cidade de Barcelona e da Catalunha e, dentro destes índices, destaca o papel do contrabando na economia do país vizinho<sup>3</sup>. C. J. Caldeira chama sobretudo à atenção para o excessivo protecionismo que caracterizava a economia espanhola que, segundo ele, fomentava o contrabando. O autor defende uma progressiva liberalização das fronteiras, o que acarretaria, defende, uma diminuição do contrabando e uma descida generalizada dos preços praticados em ambos os países. Porém, se Carlos José Caldeira demonstra uma abordagem tão objetiva da temática, não deixa de realçar o caráter romântico e literário do contrabandista como herói popular:

Desde antigos tempos tem o contrabando tido no reino vizinho sua organização especial, com depósitos, companhias e combatentes. O mister do contrabandista perpetua-se nas famílias, e forma uma classe numerosa, que um auctor digno de fé assegura, que já nos fins do século XVII contava não menos de 100 000 individuos. (...) Na Hespanha o contrabandista é muitas vezes um heroe popular, pelos perigos que arrosta, pelas galas que ostenta e pelo dinheiro que prodigaliza. Todos são seus vigias e auxiliares. (Caldeira, 1855: 415).

Se na primeira metade do século XIX, e mormente no primeiro quartel, haveria certamente quadrilhas organizadas de contrabandistas e de criminosos que não teriam outro sustento à exceção do ataque fácil aos viajantes, a verdade é que, com o advento do caminho de ferro, os viajantes sentir-se-iam muito mais seguros e as histórias de assaltos não passariam de episódios do pitoresco.

Luciano Cordeiro, vendo-se obrigado a fazer um desvio na sua viagem entre Santander e S. Sebastian, que “por terra estava incomunicável”, devido às guerras carlistas, sintetiza desta forma as características geográficas das “Vascongadas”, que, segundo ele, explicam e fomentam o bandoleirismo e a causa carlista nesta região, muito mais do que o caráter humano: “(...) as serranias brucas, os fundos desfiladeiros, as costas difíceis, as solidões e asperesas orográficas das Vascongadas, servem tão bem ou melhor do que os seus homens obscuros e meio selvagens, do que os seus curas fanaticos e do que os seus bandidos, a causa carlista”. (Cordeiro, 1874: 113)

A maioria dos viajantes portugueses tem com o bandoleirismo uma relação puramente ficcional e idealizada, limitando-se a imaginar e a recordar histórias e mitos célebres.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> “De contrabando é grande numero dos delictos que figuram nas estatísticas criminaes de Hespanha. Com referencia às de 1843, os contrabandistas aparecem, em relação ao total de acusados, na rasão de seis e meio por cento” (Caldeira, 1855:415)

<sup>4</sup> Recorda Anselmo de Andrade: “No livro de Lesage faz-se um curso completo. O salteador Rolando mostra ahi ao ilustre Gil Braz de Santilhana vindo de Oviedo, e recentemente entrado nos subterrâneos

Assim, se a Mancha inspira todo um imaginário ligado à figura do cavaleiro da triste figura, a passagem pela aldeia de Hernani, também relembra obrigatoriamente a um romântico - Teixeira de Vasconcelos - o drama do bandido imortalizado por Victor Hugo e Verdi<sup>5</sup>.

Para Pinheiro Chagas, a viagem teria sido menos monótona se tivessem acontecido “um episodio comovente, semelhante a esse de que há pouco davam noticia os jornaes. Refiro-me ao assalto de um comboyo pelos bandidos”. (Chagas, 1872: 212.) O assalto teria acontecido na linha férrea madrilena que conduz à Andaluzia. Cumpria-se, assim, um dos motivos do pitoresco que tornavam a Espanha tão atrativa aos olhos de um romântico, mesmo se em diferido. E Pinheiro Chagas exclama:

Viva a Hespanha! Decididamente é o único país do mundo, onde existe o pitoresco. Todos diziam que o caminho de ferro matara a poesia das viagens, que se haviam dissipado com ele as aventuras da estrada real, as comoções, o imprevisto e o drama. Os salteadores tinham passado a ser um mytho; toda a gente supunha que se mandara empalliar o ultimo bandido da Sierra Morena. Ladrões de estrada agora, com o caminho de ferro e o telegrafo electrico! Só se fosse algum D. Quixote da classe dos rapinadores, que, desvairado pela leitura dos romances de Paulo Feval, imaginasse ressuscitar os heroes de bacamarte n’esta epocha de locomotivas! (...) Pois enganavam-se! Nas bochechas da guarda civil, dos wagons, dos fios electricos, da civilização e dos candieiros de gaz, uns poucos de hespanhoes audaciosos trataram o caminho de ferro como um desfiladeiro da Sierra Morena.” (Chagas, 1872: 213).

A profecia que Teixeira de Vasconcelos vaticinara, uns anos antes da conclusão das principais linhas de caminho de ferro, sobre o fim desta Espanha dos bandoleiros e das “imaginações dos tempos cavalleirescos”, parece não se concretizar e Pinheiro Chagas recorda que “todas as tradições do género” pareciam ter sido cumpridas nesse assalto:

E note-se que não esqueceram nem uma só das tradições do género, a mascara de rigor, o bacamarte e a cinta, a amabilidade com as senhoras, a polidez com os homens! O chefe era João Shogar. (...) Mostrou perceber perfeitamente as obrigações românticas da profissão, usou de bacamarte authentico, em vez de recorrer ao revolver ou à espingarda de agulha, respeitou os haveres dos passageiros (...) e só procurou o dinheiro da companhia ou do governo, mas teve um esquecimento imperdoável... não raptou uma passageira. Isto merece censura!” (Chagas, 1872: 213).

A. Eduardo Moura, já na década de 90, e naquele que é o espaço mais fantasiado e que sintetiza por sinédoque o pitoresco e o exótico dos temários do bandoleirismo espanhol,

---

d’Astorga, que, aparte alguma diferença de processos, todos gostam de se apropriar dos bens alheios, e que, sendo esse o sentimento geral, não se pode racionalmente contar no mundo com outra gente.” (Andrade, 1885: 13).

<sup>5</sup> “E ainda não chegava com o pensamento à triste catástrofe do bandido transformado em D. João de Aragão, duque de Segorbe, de Pastrana e de Cardona, e o que muito mais era do que tudo isso, casado com a bella sobrinha do cioso Silva, quando atravessamos uma pequena aldeia que me disseram chamar-se Corneta, e que se segue a Hernani.” (Vasconcelos, 1863: 18).

a Serra Morena, confronta o leitor com a realidade, afirmando que “as hordas” de ladrões “já passaram à história.” Não deixa, porém, de recordar os tempos em que naquela “lendária serra e das suas quadrilhas de salteadores, armados de trabucos, com a sua manta de cordão e o romântico chapeo andaluz.” (Moura, 1889:53).

A verdade é que agora estas histórias não passam de efabulações imaginárias, que mesmo os autores românticos tiveram dificuldade em comprovar:

Alexandre Dumas, se quis experimentar a comoção de ser roubado em Hespanha por um desses bandidos, foi-lhe preciso que o assaltassem o estalajadeiro e creados, a quem se lastimara de não lhe terem aparecido ladrões na terra clássica dos salteadores (Moura, 1889: 54).

Anselmo de Andrade explica-nos que as origens desse bandoleirismo eram “(...) a miséria, a falta de população, a má divisão da propriedade e o orgulho de raça. Nos annos abundantes o numero de assaltos era sempre diminuto. Nos annos de fome não tinham conta” (Andrade, 1885: 11). E arrola algumas das principais características do salteador manchego, tais como a liberdade e perfeita adaptação ao meio, o “orgulho”, que o fazia preferir roubar a pedir, a “independência e altivez”, seguindo uma espécie de código de ética, “um direito consuetudinário, que seguia e cumpria à risca”. E acrescenta: “ (...) não matava senão os que resistiam, e deixava sempre ao roubado, que se resignava, o bastante para chegar ao seu destino. Tinha palavra de fidalgo de raça.” Eram leais e devotos, “ (...) ao peito traziam sempre um escapulário” e “quando eram bem succedidos, iam religiosamente depôr no altar as percentagens prometidas.” Mas estes tempos pertencem ao passado. “Esta raça esta extincta. É mais outra mythologia morta” - conclui Anselmo de Andrade (1885:13).

### **3. Hospedarias e Gastronomia espanhola**

Se bandoleiros e contrabandistas são figuras romanceadas que pouco têm de real, já as pousadas e hospedarias espanholas são realidades com que os viajantes têm de se confrontar, quer descrevendo as suas características, quer dando conselhos aos leitores. Sempre que chegam a uma localidade onde pernoitam, a busca por uma hospedaria é sempre motivo de reflexão. Em Madrid, os nossos viajantes aconselham-nos algumas. Uns concentram-se na sua localização, outros dizem-nos mesmo quais as melhores tendo em conta a qualidade e o preço.

Em 1874, Luciano Cordeiro é perentório: “Eu tenho estado duas vezes em Madrid e em ambas me tenho alojado na Puerta del Sol, que não é uma porta, mas uma praça (...) Se lá voltar é ainda ali que espero poder alojar-me” (Cordeiro, 1874: 27). Pinheiro Chagas, alguns anos antes, também aí se aloja, chamando-lhe o “coração da cidade” e Coelho de Carvalho, cerca de dez anos mais tarde, escolhe igualmente a Puerta del Sol para pernoitar, mais precisamente, o Hotel de Paris.

Na década de 60, quando Teixeira de Vasconcelos descreve a sua viagem a Madrid, narra-nos a dificuldade em encontrar hospedaria, dada a “afluência de estrangeiros” à capital espanhola, testemunhando o aumento exponencial da mobilidade da segunda metade de Oitocentos:

Na Biscainha não havia quartos senão no ultimo andar que é o 5º e tive de ir procurar outra hospedaria. (...) Fui dali à Fonda de los Embajadores, que me inculcaram como excelente. Não havia um só quarto. Fiquei espantado, porque não supunha que houvesse em Madrid uma tal affluencia de estrangeiros. (...) Neste aperto valeu-me o homem que me seguia com a bagagem as costas, convidando-me a ir para uma hospedaria na Carrera San Geronimo, nº7 e 9. Fui, mas com pouca confiança. (Vasconcelos, 1853: 101).

A dificuldade em encontrar alojamento numa cidade tão concorrida e o cansaço de uma longa viagem fazem-no confessar que “toda e qualquer casa” lhe serviria. Apesar de exhibir expetativas tão baixas, Teixeira de Vasconcelos acaba por surpreender-se com as condições da hospedaria, qualidade e preço, que são frequentemente alvos de crítica do escritor: “A casa é boa, a comida sofrível e o preço razoável. Quarto e sala com bons moveis e tapete, e com janelas para a rua, que é a mais central e frequentada de Madrid, cinquenta reales ou dous duros e meio, incluindo a comida e as luzes” (Vasconcelos, 1863:101).

Se Teixeira de Vasconcelos se surpreende com as condições de hospedagem é porque, na verdade, a má reputação das hospedarias espanholas, com altos preços e baixa qualidade, se tinha tornado numa opinião recorrente. Outra imagem estereotipada também amplamente veiculada é a dos vários criados que tentam atrair os viajantes para o seu hotel, algo comum nas grandes capitais europeias, mas que Silveira da Mota estranha na Corunha:

Apenas desci do incommodo vehiculo, fui logo assaltado por um bando de inculcadores, que me offereceram diferentes hotéis, quazi com a mesma azafama que empregariam quando estivessem em qualquer das cidades gigantes, que se intitulam Londres, Paris ou Berlim. (Mota, 1889: 101)

Para escolher entre os diferentes hotéis, os nossos viajantes vão-nos fornecendo vários conselhos, que podem incluir, como vimos, a menção das razões da sua escolha e se valeu ou não a pena, ou o recurso a guias de viagem, que eles próprios utilizam. Neste impasse, na Corunha, Silveira da Mota recorre ao *Guia da Galicia*, de Cesareo Rivera e Victor Vasquez, escolhendo o primeiro hotel que estes autores recomendam.

Silveira da Mota, na sua viagem à Galiza, é o autor que mais referências faz não só às hospedarias onde pernoita e às suas condições, como também às hospedeiras que o acolhem e aos restantes hóspedes que aí encontra. Em Pontevedra, embora omitindo o nome da estalagem, descreve-nos o quarto com precisão:

Escrevo n'uma pobre estalagem, que adoptou o pomposo título de hotel de ..., mas que no resto conserva escrupulosamente as tradições dos bons velhos tempos de Quevedo. O aposento que escolhi é pequeno, e está longe de satisfazer não já as condições de requintado luxo, mas às das simples e modesto aconchego. (Mota, 1889: 25-26).

Para além da minuciosa decoração do quarto, Silveira da Mota presta grande atenção à figura da hospedeira, com quem parece manter longas conversas. A dona da estalagem em Pontevedra era “alta, gorda, morena, entrou na mofina idade que decorre dos quarenta aos cinquenta anos, e contudo apresenta-se risonha, curiosa, charladora e afável.” E, ironiza Silveira da Mota, conta-lhe que é sobrinha de um general ilustre, afirmando-lhe que mantém a pousada mais por gosto e hábito que por interesse. O viajante português conclui que está “em boa e prezada companhia”, o que para ele é mais importante que as condições. De facto, ao longo da sua viagem, as conversas com outros viajantes que encontra nas pousadas e as diversas hospedeiras são sempre motivo para as suas reflexões.<sup>6</sup>

E, muito embora nem sempre os albergues em que pernoita sejam da mais alta qualidade, o viajante português manifesta maior apreço pelos “cuidados pressurosos, singelos, espontâneos, que afastam qualquer parecença com os obséquios mercenários” e pelo “socego, a tranquilidade, a confiança, o quasi conchego do lar domestico, quasi o carinho da vida familiar”, demonstrando quão semelhantes são as duas culturas e as raízes comuns dos dois países peninsulares (Mota, 1889: 164).

---

<sup>6</sup> “A dona da casa, onde me hospedei, é uma velhinha inteligente e activa, com o rosto alegre, o andar ligeiro, a vontade perseverante, e inequívocos signaes de vigorosa saúde. Serve à mesa, sorrindo atenciosa, e sabe inculir tal sympathia com o seu ar de protecção e de affecto, que o forasteiro acha logo o festival gasalhado, que não pode obter nos grandes hotéis.” (Mota, 1889: 163-164).

Nas pousadas onde pernoitavam, os viajantes eram confrontados igualmente com a alimentação espanhola. E é evidente que a qualidade em muito depende da própria qualidade da pousada escolhida. Daí que, maioritariamente a opinião sobre a comida seja muito negativa. Rafael Núñez Florencio matiza esta questão. De facto, como defende este autor: “(...) hay que tener en cuenta que el conocimiento de la alimentación peninsular se limitaba en la mayoría de los casos a lo que se ingería en esas fondas, posadas y ventas de mala muerte (establecimientos que eran caracterizados —otro de los tópicos persistentes— como de tiempos de Cervantes, porque no habían cambiado en siglos) Nuñez Florencio, 2007). É, por isso, que Pinheiro Chagas ironiza com a comida servida nas estalagens, aludindo à famosa expressão francesa “châteaux en Espagne”, para se referir à “arquitectura devaneada e aérea em que a imaginação se compraz na hora dos sonhos vaporosos.” O parlamentar português prefere usar a expressão “déjeuner en Espagne... isso é que é incorpóreo, vago, intangível.” (Chagas, 1872: 9).

“O viajante - explica Luciano Cordeiro - é quasi somente uma entidade passiva que recebe as impressões dos panoramas que se vão desdobrando d’um ou doutro lado, mas que ele não escolheu, onde elle não pôde embeber-se, que a sua phantasia não pôde dominar.” E não obstante essas impressões sejam sobretudo fruto da observação, a verdade é que, no contacto com o país visitado, outros sentidos - olfato, tato, audição e gosto - parecem igualmente desempenhar uma função na formação das experiências do viajante. O mais importante, sem dúvida, será talvez o gosto<sup>7</sup>.

De facto, uma viagem a Espanha não poderia deixar de contemplar um momento dedicado à alimentação. Sabíamos já pelos escritores franceses, ingleses e até alemães que a gastronomia espanhola<sup>8</sup> provocava até “iras físicas” (Cernuda, 2009), mas com os

---

<sup>7</sup> Chloe Chard já o demonstrou em relação à Literatura de viagens iluminista: “Descriptions of a multiplication of sensory delights are regularly deployed, in seventeenth century travel writing, in order to render the rhetoric of pleasure yet more hyperbolic.” (Chard, 1999: 50).

<sup>8</sup> Nuñez Florencio explica esta opinião tão negativa dos estrangeiros em relação à comida espanhola: “(...) determinadas características de la cocina española que normalmente solían espantar al paladar extranjero: la tendencia a chamuscar las carnes, la omnipresencia del ajo, el sabor insidioso de la pimienta, el abuso del azafrán y, en general, la manía de condimentar con sabores muy fuertes cualquier plato. Nada, sin embargo, era comparable, a la sensación nauseabunda que despertaban los fritos. Téngase en cuenta a este respecto que se trataba de un aceite sin refinar: una de las anécdotas recurrentes de los viajeros románticos era que el aceite para aliñar la ensalada se cogía... de la lámpara. Ese aceite en las frituras producía literalmente náuseas.” (Nuñez Florencio, 2007: 33).

vizinhos portugueses como se experienciaria esta relação com os vinhos e as comidas espanholas?

Em primeiro lugar, as referências tecidas relativamente à gastronomia espanhola, coincidem, por um lado, com os locais de paragem obrigatória para almoço durante a viagem e, por outro, com a qualidade das hospedarias e pousadas onde pernoitavam os viajantes.

No primeiro caso, isto é, nos locais de paragem do comboio para o almoço, os comentários são quase sempre depreciativos, servindo como que um alerta para os leitores se precaverem em caso de passagem por estes lugares, tal como acautela Pinheiro Chagas, revoltando-se com os preços praticados:

Não se nos apresentava a Hespanha no seu aspecto mais seductor. Nos bufetes das estações mostravam os nossos vizinhos uma avidez incrível e uma desconfiança a toda a prova. A lista dos preços dos comestíveis tomava aos nossos olhos uma proporções espantosas. Se a zero comida correspondia uma peceta, aonde chegaria, passando pelos decimaes a progressão dos preços?" (Chagas, 1872: 11).

E, a jeito de conclusão, afiançava ao leitor: "Nas estalagens de caminho de ferro pelo menos quando passa um comboy de recreio, dando-se dinheiro, paga-se mas não se come; para pagar e comer é necessário dar dinheiro...e pancada." (Chagas, 1872: 13).

Mas não são só os preços e os costumes que chocam o parlamentar português. Nas estalagens das estações do caminho de ferro, parece ser também consensual, a escassez de alimentos, que desespera muitos viajantes:

Eu entretanto bebia, para me aquecer, meia chávena de chocolate que detesto e roía um pedaço de pão duro que odeio mais que a morte e menos do que um artigo de fundo. Chegara a ocasião das grandes provações; ia sentir a fome. Se a viagem se prolonga o repartimento do wagon transformava-se em jangada de Meduza. (Chagas, 1872: 10).

Quando, porém, a exceção confirma a regra, o viajante não pode deixar de o partilhar com o leitor. É o que acontece a Luciano Cordeiro na estação de Reinosa, quando viaja entre Madrid e Santander, aproveitando para esclarecer algumas minudências linguísticas e culturais:

Em Reinosa almoça-se excelentemente. Um abysmo separa um *almorzo* de uma *comida* nos bufetes hespanhoes. Aqui deixo consignado este conselho aos meus

compatriotas: em Hespanha não basta *almoçar*, é conveniente começar por *comer*. (Cordeiro, 1874: 100).

Os nossos compatriotas viajantes, também manifestam um maior apreço pelas tradições culinárias e pela gastronomia francesa, não gostando como os escritores franceses de algumas particularidades da cozinha espanhola, como o azeite ou o pimentão. Júlio César Machado critica a forma de cozinhar os ovos em azeite em Espanha, enquanto discorre sobre a péssima comida de uma hospedaria de Badajoz:

Esta memorável casa do afamado Pan Secco é uma ratoeira em ponto grande, onde um homem pode serenamente arruinar-se de tudo – menos de paladar, porque não chega a poder comer. De manhã ministram-nos – não digo bem – ministrar é dar o preciso! – impingem-nos uns ovos fritos em azeite e qualquer outra coisa que não se goste. Um portuguez, homem dado pelos modos a caprichos da mesa, revolucionou-se contra o programa, e, indo atrás de uma fantasia, pediu que os ovos fossem fritos em manteiga! (...) Foram frigar os ovos em manteiga, mas os outros hospedes, bem como a gente da casa, emprenderam uma tosse sêcca, uma tosse de enjoo, engulho e sufocação.” (Machado, 1865: 10).

Para além do azeite, outra das particularidades da cozinha espanhola muito referenciada pelos viajantes portugueses é o uso do pimentão. Alguns viajantes, como Coelho de Carvalho, abominam o seu uso, atribuindo-lhe mesmo responsabilidades na degenerescência da raça, nomeadamente a perda da beleza feminina.

Para além das especificidades da culinária, os vinhos espanhóis são igualmente alvo da atenção dos viajantes portugueses, que ora se referem à sua qualidade por motivos de apreço gastronómico, ora para relevar a importância da região visitada sob o ponto de vista agrícola e vinícola. Insere-se, neste caso específico, a Terra de Campos, na província de Zamora, e os seus vinhos, como nos é descrita por Oliveira Martins:

Estas planícies de Castella-a-Velha eram consideradas o celloiro de Hespanha, enquanto a plantação de vinhas as não foi transformando em adega do mundo; hoje as cepas são tantas que o vinho vale três tostões a arroba, que é o equivalente do almude. Já os proprietários começaram a arrancar as vinhas.” (MARTINS, 1893: 165).

Mas também se podem referir apenas à qualidade do vinho que provaram:

Os vinhos que por aqui se fabricam tem boa fama quanto ao sabor, à transparência, ao aroma e às qualidades estomacaeas, não faltando até quem prefira ao genuino Bordeus. (...) Por mim declaro que nem tenho competência para intervir em questões oenológicas, nem sequer alcancei ensejo de conhecer pelo paladar se há ou não há nos encómios amplificação interesseira. Unicamente sei e juro que a beberagem que me apresentaram ao jantar, na insigne poisada onde me abriguei, esta muito longe de merecer qualquer espécie de louvor.” (Mota, 1889: 204).

A maioria sente saudades da culinária portuguesa e não resiste a criticar a monotonia dos cozinhados espanhóis, sempre baseados no pimentão e no azeite, como atesta esta descrição de um jantar de Natal, que nos é apresentada por Ricardo Guimarães:

Reduzem-se todas a fragmentos de carne, ou de peixe, boiando n'um oceano d'azeite semeado de ilhas vermelhas de pimentão e colorao, parecidas no afogueado á crusta requemada dos terrenos vulcânicos da Sicilia. O colorao é a alavanca com que o cozinheiro hespanhol, Archiemedes d'avental, levanta um mundo desconhecido de iguarias. A malagueta é o Deus ex machina dos sainetes de refogado. (...) Os guizados andaluzes pertencem á família das lamparinas, nadam constantemente em azeite, e teem á força de acirrantes, o condão de nos roubar a um tempo o apetite e o paladar. (...) O pimentão, - outro ingrediente suave, - é proporcionado largamente a ponto da língua, depois d'algum tempo, adquirir a insensibilidade d'um tijolo refractario." (Guimarães, 1869: 48).

Outros, embora reconhecendo, com alguma ironia, um certo exagero no uso do pimentão, tecem grandes elogios à cozinha espanhola, tal como acontece com Oliveira Martins nesta sua descrição de uma ceia, numa hospedaria em Toro:

Serviram-nos primeiro pollo com guisantes y chorizo; depois huevos também com guisantes y chorizo; mas nem os ovos, nem a galinha, nem as ervilhas, nem talvez até o chouriço, eram senão pretextos para um caldo comum aos dois pratos, molho composto de quantas pimentas a invenção descobriu. Nadava tudo num mar de vermelhidão, e, quando o molho passava pela língua, tirava-lhe a pele, levando-a de companhia com a das guellas a incendiar o estomago.

- El caldo esta muy rico!, dizia um dos professores, molhando sopas e regando-as amplamente com vinho.

É um engano supor-se que estas comidas são muito desagradáveis, ou fazem mal. Eu prefiro-as muito aos molhos ingleses, e é sabido que os estômagos fracos se dão admiravelmente com o regime do pimento. Pela minha parte confesso que dormi essa noite como os deuses." (Martins, 1893: 205).

De facto, parece-nos que se a inclusão de referências aos hábitos gastronómicos dos povos visitados, durante o Iluminismo, rareia e só compareça na narrativa como explicação da riqueza ou pobreza dos povos (Chard, 1999). A partir do Romantismo, as referências à comida são mais frequentes e detalhadas. O viajante romântico dá maior relevância à subjetividade e à presença do narrador no texto. A narração resulta mais fiável se o leitor se puder identificar com os medos, as aventuras, as peripécias e dificuldades. A credibilidade dos detalhes parece atestar alguma fiabilidade à narração. Ao expressar a sua opinião sobre a comida, não só o narrador empresta maior naturalidade à sua narrativa como parece convergir para uma experiência total do país visitado. Efetivamente, como defende Chloe Chard, "(...) in including food and drink among the objects of commentary particularly worthy of note, the subject is able to

proclaim an especially formidable power of extracting pleasure from the terrain.” (Chard, 1999: 50).

O viajante pode, desta forma, experienciar a Espanha com todos os seus sentidos. Estas referências são igualmente fundamentais na recriação de fronteiras entre o Eu e o Outro, o próprio e o estranho:

Hoje pela manhã pedi chá. Deram-mo péssimo. Como os hespanhoes não gostam tanto de chá como os portugueses, este género de bebida não tem incentivo para se aperfeiçoar. Ainda não tomei, mesmo em cazas particulares, chá de boa qualidade. A comida não me desagrada. O *puchero* já sabem o que é. Os hespanhoes são mui sóbrios. Na meza geral da hospedaria fazem contraste com os alemães e francezes que comem muito e gostam da comida bem feita. Os guisados em que entra azeite mal clarificado são insuportáveis.” (Vasconcelos, 1863: 106).

Frequentemente também, as referências aos hábitos alimentares do povo visitado fazem parte do conjunto das características culturais que os viajantes descrevem, a par com a Arte, a Arquitetura, a Política, a Literatura ou o Teatro:

Em Hespanha, a gente que se preza toma chocolate, ou uma chávena de leite, ao levantar da cama, almoça às 11 horas ou ao meio dia e janta à noite. O chocolate hespanhol tem com justo motivo fama europeia, e costumam servi-lo com uns doces apropriados; mas nos melhores hotéis também o preparam à franceza para ser servido com fatias de pão e manteiga. (Moura, 1893: 51)

A gastronomia é, por outro lado, um momento onde a alteridade se impõe de forma inelutável, uma vez que o viajante se vê obrigado a experimentar a comida a todo o momento, confrontando-se inevitavelmente com algo que não pode evitar, sobretudo quando o estômago parece falar mais alto:

Agora está na meza a ceia na qual vejo figurar uma sopa de alho com pão e ovos. Não lhe resisto. Vou provar esta especialidade hespanhola. O vinho é branco e dizem que muito palhete e seco. Ainda bem, já que estou cansado de vinhos adocicados.” (Vasconcelos, 1863: 97).

As experiências gastronómicas em Espanha são, por conseguinte, vivenciadas de forma muito heterogénea e individual por parte de cada viajante. Se Pinheiro Chagas confessa que a comida espanhola lhe provocou um desagrado generalizado, não deixa de reconhecer algumas virtudes, nomeadamente os gelados:

Eu gastronomicamente fui muito infeliz em Hespanha; a refeição da noite era-me inibida; torradas horripilantes de dureza, cha detestável, café iniquo, e o chocolate... delicioso, segundo afirmam, porém eu, ó deuses, não gosto do chocolate. Ah mas tive

uma noite a inspiração de pedir um sorvete! Ó sultanas de Granada, moiras ardentes que preparáveis talvez na Alhambra, com as vossas mãos delicadas, os sorvetes perfumados de baunilha para os lidadores da Veja, fostes vós que ensinastes aos botequineiros hespanhoes o segredo d'estes adoráveis gelados?" (Chagas, 1872: 172-173).

Os diferentes refrescos espanhóis que se tomam nos vários cafés e pelas ruas de Madrid são, aliás, muito apreciados pelos viajantes portugueses, uma vez que os ajudam a mitigar o "calor africano" de agosto.

Silveira da Mota demonstra grande apreço pela cozinha espanhola, reconhecendo grandes méritos ao "famoso caldo galego, especialidade da arte culinária", e tecendo grandes elogios à sua qualidade e quantidade, numa hospedaria de Tuy:

Logo que entrei na hospedaria, senti indescritível regozijo ao avistar sobre a alva toalha da mesa a lauta, a opípara refeição que não ousara prever. Eram preparações culinárias da legitima escola hespanhola: o classico puchero, arroz à valenciana, gaspacho extremeño, etc., ceia ou jantar que não corresponderia talvez ao ideal da arte, mas que julgo oportuno e justo mencionar, porque ainda não me affiz a retribuir com desdenhoso esquecimento os benefícios recebidos. Saboreei as apetitosas iguarias com a perfeita beatitude glutónica, que a historia, nas suas graves lições, attribue aos imperadores. (Mota, 1889: 210-211).

Todavia, não são apenas os restaurantes, as hospedarias, as paragens nas estações de comboio que são alvo das considerações gastronómicas dos viajantes portugueses. Há também referências a banquetes oficiais, organizados com diferentes propósitos, mas dando sempre azo a descrições muito interessantes e precisas quer sobre os convivas, quer sobre os locais dos banquetes.

J. Pereira Rodrigues, por exemplo, narra-nos o banquete que teve lugar a 18 de maio de 1871, organizado pelos jornalistas espanhóis, aquando do comboio de recreio que levou cerca de trezentos portugueses a Madrid, entre eles vários jornalistas, "cinco ou seis escriptores, três deputados e um par do reino" (Rodrigues, 1871: 67). Para além de arrolar com minúcia o nome dos vários presentes no banquete e referidos cargos, J. Pereira Rodrigues dá-nos também conta do menu aí servido. Claramente impera nestes banquetes a preferência pela culinária francesa, uma vez que quer o chefe, o Sr. Lhardy, quer o menu são franceses.

Guiomar Torrezão, descreve-nos, por seu turno, o banquete que os seus anfitriões, D. Luiz de Rute e a Princesa Ratazzi, dão em sua honra, onde é apresentada à elite aristocrática, intelectual e política da capital madrilena. Estão presentes neste “banquete literário”, alguns dos mais relevantes políticos e literatos espanhóis:

Emilio Castelar, Echegaray, Grillo, Escobar, Campo de Prado, redactor em chefe da *Correspondencia da Hespanha*, marquez de Sardoal, vice-presidente da Câmara, Santiesteban, que conhece a nossa Literatura melhor do que muitos portugueses, Castro Serrano, Manuel Palacio, Cohen, Secretario da legação portuguesa, Palma, Presidente do Supremo Tribunal e par do reino, barão Alvaro Ruiz, entre outros” (Torrezão, 1898: 67-68).

#### 4. Conclusões

Com elogios ou críticas acerbas, a gastronomia e as hospedarias espanholas são sempre olhadas como elemento estruturante da identidade espanhola, a par com os outros temários abordados, como que, ora aproximam, ora afastam as duas nações peninsulares. Se a Literatura de viagens se constrói do confronto com a alteridade que é *a posteriori* integrada na identidade, a abordagem das condições físicas da viagem, as hospedarias, os perigos e a comida são um momento importante deste confronto com o Outro. As auto e hetero-imagens, construídas de forma especular no confronto com o Outro são, neste caso específico, espaço para a corporização de uma identidade nacional, onde os semantismos antagónicos, de rejeição ou de deslumbramento desempenham um papel fundamental.

A contribuição dos relatos de viagens portuguesas para a construção de uma identidade espanhola em Portugal não se esgotaria nesta repetição de estereótipos e de *topos* ou até mesmo do seu questionar, quando a realidade não se conforma à imagem literária, à Geografia imaginária, sorvida nas páginas da Literatura. Seria essa imagem que perduraria nos guias de viagem turísticos que até hoje utilizamos. Seriam também esses mesmos itinerários que se transformariam, pela sua standardização, forjada pela Literatura, nos itinerários sugeridos pelos guias e frequentados pelos turistas atuais.

Os viajantes portugueses demonstram conhecer profundamente a realidade histórica e o contexto político do país vizinho e não se limitam a repetir estes estereótipos. As suas reflexões sobre a política espanhola, a diversidade regional, o carácter espanhol e o federalismo ibérico constituem um elemento precioso para a conformação identitária espanhola e, de forma especular, da identidade portuguesa.

De facto, e apesar das diferenças decorrentes da diversidade autoral, de diversas ideologias e idiossincrasias, as narrativas de viagens portuguesas a Espanha questionam sempre a questão identitária portuguesa. Num contexto marcado pelo desejo de refundação da nacionalidade, era inevitável que o contacto com a Espanha não levantasse questões de identidade e de nacionalismo, traduzindo-se nas questões iberistas, abordadas por todos os viajantes. Regressar depois da viagem é, pois, acomodar as novas experiências e cimentar a identidade nacional. A experiência de alteridade é uma experiência de estranhamento, mas sobretudo uma experiência “antropofágica”, em que o Eu como que ingere o Outro, e o retém do outro lado do espelho<sup>9</sup>. Em suma, como afirma Nuno Júdice:

o regresso obriga a confrontar-se com a sua realidade e a ver a diferença entre o espaço real (o mundo) e o espaço da viagem (o outro mundo). De facto, o olhar que ele lança sobre o real depois do percurso da viagem, mesmo quando esta é feita pela mediação da leitura, é um olhar diferente, no qual se inscreve a descoberta do aqui e do além, do antes e do depois da experiência da viagem/leitura” (Júdice, 1997: 612)

## **BIBLIOGRAFIA**

### **1.1. Corpus**

Andrade, Anselmo de (1887), *Viagem na Hespanha*, Lisboa, Manuel Gomes, nova edição 1903, Lisboa, Manuel Gomes.

Caldeira, Carlos José (1855), “Barcelona. Fragmentos inéditos de uma viagem na Península”, in *Revista Peninsular*, Lisboa,

Carvalho, Joaquim José Coelho de (1988) *Viagens*. Madrid, Barcelona, Nice, Mónaco. *Cartas e notas destinadas a Cesário Verde*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira.

Chagas, Manuel Pinheiro (1872), *Madrid*, Lisboa, Editores C.S. Afra e Cia.

Cordeiro, Luciano (1874) *Viagens: Hespanha e França*, Lisboa, Imprensa de J.G. de Sousa Neves.

Cordeiro, Luciano (1875) *Viagens: França, Baviera, Áustria e Itália*, Lisboa, Imprensa de J.G. de Sousa Neves.

Martins, Oliveira (1895), *Cartas Peninsulares*, Lisboa, Livraria de A.M. Pereira;

Mota, J.F. Silveira da (1889), *Viagens na Galliza*, Lisboa, A. M. Pereira

---

<sup>9</sup> “A viagem também é antropofágica, pois, carregando o outro de significações do passado, acaba por deglutir a alteridade, negá-la, prendê-la num espelho em que o ‘eu’ facilmente se reconhece, apenas com o sinal negativo”. (Galvão, 2001, p.89)

Moura, A. Eduardo de (1893), *Viagens na Andaluzia: indicações úteis*, Coimbra, Imprensa da Universidade

Torrezão, Guiomar (1898) *A toda a velocidade. Notas de gare*, Porto, Livraria Portuense.

Vasconcelos, António Teixeira de (1863), *Viagens na terra alheia. De Paris a Madrid*, Lisboa, F. Gonçalves Lopes.

## **1.2. Antologias**

Bennassar, Bartolomé et Lucile (1998). *Le voyage en Espagne. Anthologie des voyageurs français et francophones du XVIe au XIXe siècle*, Paris, ed. Robert Laffont, col. Bouquins.

Farinelli, Arturo (1942). *Viajes por España y Portugal desde la Edad Media hasta el siglo XX. Nuevas y antiguas divagaciones bibliográficas, tomo II*, Roma, Reale Accademia d'Italia.

Foulché-Delbosc, Raymond (1991). *Bibliographie des voyages en Espagne et en Portugal, (1896)*, Madrid, Julio Ollero editor.

Garcia Mercadal, José (1999). *Viajes de extranjeros por España y Portugal, tomo III: siglo XVIII*, Madrid, Aguilar, 1962, 4 vol.; reed. Salamanca, Junta de Castilla y León, Consejería de Educación y Cultura, 6 vol.

Garcia-Romeral Pérez, Carlos (2000). *Bio-bibliografía de viajeros por España y Portugal (siglo XVIII)*, Madrid, Ollero y Ramos.

Garcia-Romeral Pérez, Carlos (2001). *Viajeros portugueses por España en el siglo XIX*, Madrid, Ediciones Miraguano.

## **1.3. Estudos**

Cernuda, Miguel Angel (2009). "Fenomenología de la itinerância alemana en España. Contextos, textos y contrastes" in Raposo, Berta, & Garcia Wistadt, Ingrid, eds. (2009). *Viajes y Viajeros entre ficción y realidad. Alemania-España*, Valencia, Universidad de Valencia, pp. 17-41.

Chard, Chloe (1999). *Pleasure and Guilt on the Grand Tour: Travel Writing and Imaginative Geography 1600-1830*, Manchester, Manchester University Press.

Galvão, C.C. (2001). *A escravidão compartilhada: os relatos de viajantes e os intérpretes da sociedade brasileira*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Guimarães, Ricardo (Visconde de Benalcafor) (1869). *Impressões de viagem*. Cadiz, Gibraltar, Paris e Londres, Porto, Viúva Moré Editora.

López Ontiveros, A. (1988). “El paisaje d Andalucía en los viajeros románticos: creación y pervivencia del mito andaluz desde una perspectiva geográfica.”, in Gomez Mendonza, J. e Ortega Cantero, N. eds. (1988). *Viajeros y Paisajes*, Madrid, Alianza Editorial, pp. 31-65.

Machado, Júlio César (1865). *Em Hespanha. Scenas de Viagem*, Lisboa, Livraria de A.M. Pereira.

Núñez Florencio, Rafael (2007). “La comida española e la mirada extranjera”, in *Ars Medica. Revista de Humanidades* 1, pp. 20-35.

Rodrigues, José Maria Pereira (1671), *Uma visita a Madrid*, Lisboa, Typographia Universal.

Soler Pascual, Emilio (2006). El trabuco romántico. Viajeros franceses y bandoleros españoles en la Andalucía del siglo XIX, in Bruña Cuevas, M, et al. (2006). *Atas do Encontro Hispano - Francés de investigadores*, 2005. Sevilla, pp. 687-699, disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=502433>